

A RAPARIGA INGLESA

DANIEL SILVA

A RAPARIGA INGLESA

Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

*Uma vez mais, para a minha mulher, Jamie,
e para os meus filhos, Lily e Nicholas*

Quem tem uma vida imoral, sofre uma morte imoral.

PROVÉRPIO CORSO

PARTE UM

A REFÉM

PIANA, CÓRSEGA

Levaram-na no final de agosto, na ilha da Córsega. Nunca ficaria estabelecida a hora precisa — algures entre o pôr do sol e o meio-dia do dia seguinte foi o melhor que os amigos que dividiam a casa com ela conseguiram fazer. Foi ao pôr do sol que a viram pela última vez, a afastar-se a grande velocidade pelo caminho de acesso à *villa* numa lambreta vermelha, com uma saia de algodão transparente a esvoaçar à altura das suas coxas bronzeadas. E foi ao meio-dia que se aperceberam de que na cama dela só estava um romance manhoso de capa mole e lido até meio, que cheirava a óleo de coco e levemente a rum. Passar-se-iam mais vinte e quatro horas até se decidirem a chamar os gendarmes. Tinha sido esse género de verão, e Madeline era esse género de rapariga.

Tinham chegado à Córsega quinze dias antes, quatro raparigas bonitas e dois rapazes sérios, todos fiéis servidores do governo britânico ou do partido político que o comandava nos tempos que corriam. Só tinham uma viatura, uma carrinha *Renault* de três portas, suficientemente grande para acomodar cinco pessoas de forma desconfortável, e a lambreta vermelha que pertencia em exclusivo a Madeline, que a guiava com uma imprudência a raiar o suicida. A *villa* de cor ocre ficava na ponta mais ocidental da aldeia, num penhasco com vista para o mar. Estava bem arranjada e era sólida, o género de sítio que os agentes imobiliários descreviam sempre como «encantador». Mas tinha uma piscina e um jardim murado repleto de

arbustos de alecrim e aroeiras; e, poucas horas depois de se apearem ali, já se encontravam no ditoso estado de seminudez bronzeadas a que os turistas britânicos aspiram, não importa para onde viajem.

Apesar de Madeline ser a mais nova do grupo, era o líder não oficial, fardo que aceitou sem protestar. Tinha sido ela a conseguir arrendar a *villa*, e era ela que organizava os longos almoços, os jantares tardios e os passeios diurnos até ao interior selvagem da Córsega, seguindo sempre à frente na sua lambreta pelas estradas traiçoeiras. Nem uma única vez se deu ao trabalho de consultar um mapa. O conhecimento enciclopédico que possuía da geografia, história, cultura e culinária da ilha tinha sido adquirido ao longo de um período de estudo e de preparação intensivos realizado nas semanas anteriores à viagem. Parecia que Madeline não tinha deixado nada ao acaso. Mas a verdade é que raramente o fazia.

Chegara à sede do Partido em Millbank dois anos antes, após uma licenciatura na Universidade de Edimburgo em Economia e Política Social. E, apesar da educação de segunda categoria que teve — a maior parte dos colegas eram produtos de escolas particulares de elite e de Oxbridge —, foi subindo rapidamente através de uma série de cargos administrativos até ser promovida a diretora dos programas de apoio social à comunidade. A sua função, conforme ela a descrevia muitas vezes, era andar a caçar votos ao género de britânicos que nunca apoiaria o Partido, a sua plataforma ou os seus candidatos. O cargo, concordavam todos, era apenas um ponto de passagem num trajeto em direção a coisas melhores. O futuro de Madeline era brilhante — «brilhante como uma erupção solar», nas palavras de Pauline, que assistira à ascensão da colega mais nova com bastante inveja. Segundo os rumores que circulavam, Madeline encontrava-se sob a proteção de alguém importante no Partido. Alguém próximo do primeiro-ministro. Talvez mesmo o próprio primeiro-ministro. Com a sua beleza de televisão, intelecto aguçado e energia ilimitada, Madeline estava a ser preparada para um lugar garantido no Parlamento e um ministério só dela. Era apenas uma questão de tempo. Ou, pelo menos, era isso que se dizia.

O que fazia com que fosse ainda mais estranho que, aos vinte e sete anos, Madeline Hart ainda não estivesse romanticamente comprometida. Quando lhe pediam para explicar o vazio da sua vida amorosa, afirmava que se encontrava demasiado ocupada para um homem. Fiona, uma beldade de cabelos escuros e ligeiramente perversa do Gabinete Ministerial, considerava a explicação duvidosa. Mais concretamente, achava que Madeline estava a ser falsa — sendo a falsidade uma das qualidades mais compensatórias de Fiona: daí, o seu interesse pela política partidária. Para sustentar a sua teoria, chamava a atenção para o facto de Madeline, loquaz em quase todos os assuntos imagináveis, se mostrar invulgarmente reservada no que dizia respeito à sua vida privada. Sim, dizia Fiona, não tinha problemas em deitar cá para fora um ou outro dado suculento mas inofensivo a propósito da infância problemática — a desoladora habitação social em Essex, o pai, de cuja cara praticamente não se lembrava, o irmão alcoólico que não tinha trabalhado um único dia na vida —, mas mantinha escondido tudo o resto atrás de um fosso e muralhas de pedra.

— A nossa Madeline podia ser uma assassina com um machado ou uma prostituta de luxo — afirmou Fiona —, e nenhum de nós faria ideia.

Mas Alison, uma subalterna do Ministério do Interior com um coração já muito ferido, tinha outra teoria.

— A pobrezinha está apaixonada — declarou ela uma tarde ao observar Madeline a vir à superfície da água como uma deusa, na minúscula baía abaixo da *villa*. — O problema é que o homem em questão não lhe está a retribuir o obséquio.

— E por que carga de água? — perguntou Fiona com voz ensonada, tapada pela aba de um chapéu enorme.

— Se calhar, não está em posição para tal.

— Casado?

— Nem mais.

— Sacana.

— Nunca tiveste?

— Um caso com um homem casado?

— Sim.

— Só duas vezes, mas estou a pensar numa terceira.

— Vais arder no Inferno, Fi.

— Espero bem que sim.

Foi então que, na tarde do sétimo dia, e com base nos mais ínfimos indícios, as três raparigas e os dois rapazes que partilhavam com Madeline Hart a *villa* arrendada na extremidade de Piana resolveram arranjar-lhe um namorado. E não um namorado qualquer, disse Pauline. Tinha de ter a idade adequada, ótimo aspeto e educação e uma situação financeira e mental estável, sem esqueletos no armário nem outras mulheres na cama. Fiona, a mais experiente em matéria de questões do coração, afirmou que se tratava de uma missão impossível. «Esse homem não existe», explicou, com a fadiga de uma mulher que já tinha passado muito tempo a procurá-lo. «E, se existir, é casado ou então está tão perdido de amores por ele próprio, que não vai ter tempo para a pobre Madeline.»

Apesar das dúvidas, Fiona lançou-se de cabeça no desafio, nem que fosse pelo facto de que isso iria acrescentar uma pitada de intriga às férias. Por sorte, não lhe faltavam alvos potenciais, já que aparentemente metade da população do sudeste de Inglaterra tinha abandonado a sua ilha encharcada, trocando-a pelo sol da Córsega. Havia a colónia de financeiros da City que se instalara em grande estilo na ponta norte do golfo de Porto. E o bando de artistas a viver como ciganos numa vila na colina, na Castagniccia. E a trupe de atores que fixara residência na praia de Campomoro. E a delegação de políticos da oposição a congeminar um regresso ao poder numa *villa* no cimo dos penhascos de Bonifacio. Servindo-se do Gabinete Ministerial como cartão de visita, Fiona organizou rapidamente uma série de encontros sociais improvisados. E em cada ocasião — fosse um jantar, uma caminhada até às montanhas ou uma tarde bem bebida na praia — apanhava insidiosamente o homem mais apetecível que ali estivesse e depositava-o ao lado de Madeline. No entanto, nenhum foi capaz de escalar as muralhas dela, nem sequer o jovem ator que acabara de terminar uma série de bem-sucedidas representações como protagonista do musical mais popular da temporada no West End.

— É óbvio que está mesmo apanhadinha — admitiu Fiona enquanto regressavam à *villa* uma noite já bem tarde, com Madeline seguindo à frente e atravessando a escuridão na lambreta vermelha.

— E quem é que achas que ele é? — perguntou Alison.

— Não sei — respondeu Fiona, lenta e invejosamente. — Mas deve ser alguém bastante especial.

Foi a partir dessa altura, quando faltava pouco mais do que uma semana para regressarem a Londres, que Madeline começou a passar cada vez mais tempo sozinha. Saía da *villa* de manhãzinha, normalmente antes de os outros se levantarem, e voltava ao final da tarde. Quando lhe perguntavam onde tinha estado, revelava-se flagrantemente vaga, e ao jantar mostrava-se muitas vezes carrancuda ou ab-sorta. Naturalmente, Alison temeu o pior, que o amante de Madeline, fosse ele quem fosse, lhe tivesse comunicado que os serviços dela já não eram necessários. Mas no dia seguinte, ao regressarem à *villa* após uma ida às compras, Fiona e Pauline declararam com alegria que Alison estava enganada. Segundo parecia, o amante de Madeline tinha vindo à Córsega. E Fiona tinha fotografias que o provavam.

O avistamento dera-se às duas e dez no Les Palmiers, no Quai Adolphe Landry, em Calvi. Madeline estava sentada numa mesa junto ao porto, com a cabeça ligeiramente virada para o mar, como se não estivesse ciente do homem sentado na cadeira em frente. Uns grandes óculos escuros escondiam-lhe os olhos. Um chapéu de palha de abas largas com um elaborado laço preto tapava-lhe o rosto perfeito. Pauline tinha tentado aproximar-se da mesa, mas Fiona, presentindo a intimidade tensa da situação, sugerira que optassem por uma retirada apressada. Detivera-se o tempo suficiente para tirar sub-repticiamente com o telemóvel a primeira fotografia incriminadora. Madeline parecera não dar pela intrusão, mas o homem, sim. No instante em que Fiona carregou no botão da câmara, virou a cabeça abruptamente, como que alertado por um qualquer instinto animal de que a sua imagem estava a ser captada eletronicamente.

Depois de fugirem para uma *brasserie* ali perto, Fiona e Pauline examinaram atentamente o homem na fotografia. Tinha cabelo louro

grisalho, despenteado pelo vento e abundante como o de um rapazi-nho. Caía-lhe sobre a testa, enquadrando um rosto angular dominado por uma boca pequena e de aspeto bastante cruel. A roupa era vagamente marítima: calças brancas, uma camisa branca clássica às riscas azuis, um grande relógio de mergulhador, mocassins de lona com so-las que não deixariam marcas no convés de um barco. Era esse gé-ne-ro de homem que ele era, concluíram. Um homem que nunca deixa-va marcas.

Partiram do princípio de que era britânico, embora pudesse ser alemão, escandinavo, ou talvez, pensou Pauline, um descendente da nobreza polaca. Era evidente que o dinheiro não constituía um pro-blema, conforme evidenciado pela dispendiosa garrafa de champanhe a transpirar no balde de gelo de prata a um dos lados da mesa. A sua fortuna tinha sido conquistada em vez de herdada, concluíram, e não de forma completamente limpa. Era um jogador. Tinha contas ban-cárias na Suíça. Viajava para sítios perigosos. Acima de tudo, era dis-creto. Os seus negócios, tal como os mocassins de lona, não deixa-vam marcas.

Mas foi a imagem de Madeline que mais as intrigou. Já não era a rapariga que conheciam de Londres, nem sequer a rapariga com quem tinham passado as duas últimas semanas numa *villa*. Parecia ter adotado um comportamento completamente diferente. Era uma atriz noutra filme. A outra mulher. Debruçadas sobre o telemóvel como um par de rapariguinhas, Fiona e Pauline começaram a escrever o diálogo e a acrescentar carne e osso às personagens. Na versão que fizeram da história, o caso iniciara-se de forma bastante inocente, com um encontro fortuito numa luxuosa loja da New Bond Street. O namorico tinha sido longo e a consumação, meticulosamente pla-neada. Mas o final da história escapava-se-lhes por enquanto, já que ainda não fora escrito na vida real. Concordaram que seria trágico.

— É assim que estas histórias acabam *sempre* — disse Fiona com conhecimento de causa. — Rapariga conhece rapaz. Rapariga apaixo-na-se por rapaz. Rapariga sofre e faz todos os possíveis para destruir rapaz.

Nessa tarde, Fiona tiraria mais duas fotografias a Madeline e ao amante. Uma mostrava-os a caminhar pelo cais sob um sol brilhante, com os nós dos dedos a tocarem-se furtivamente. A segunda mostrava-os a despedirem-se sem darem sequer um beijo. A seguir, o homem subiu a bordo de um bote *Zodiac* e partiu em direção ao porto. Madeline pôs-se em cima da mota e voltou para a *villa*. Quando lá chegou, já não tinha o chapéu de abas largas com o elaborado laço preto. Nessa noite, ao relatar os acontecimentos da tarde, não fez referência a uma visita a Calvi nem a um almoço formal com um homem de aspeto próspero no Les Palmiers. Fiona achou o desempenho deveras impressionante.

— A nossa Madeline é extraordinariamente boa mentirosa — disse a Pauline. — Se calhar, o futuro dela é mesmo tão brilhante como dizem. Quem sabe? Talvez um dia até venha a ser primeira-ministra.

Nessa noite, as quatro raparigas bonitas e os dois rapazes sérios que partilhavam a *villa* arrendada combinaram jantar na povoação vizinha de Porto. Madeline fez a reserva no seu francês de menina da escola e até convenceu o dono a guardar a melhor mesa, a da varanda com vista para a extensão rochosa da baía. Ficou subentendido que seguiriam para o restaurante na caravana habitual, mas, pouco depois das sete, Madeline anunciou que ia a Calvi beber um copo com um velho amigo de Edimburgo. «Vou ter convosco ao restaurante», gritou por cima do ombro enquanto se afastava a todo o gás pelo caminho de acesso. «E, por amor de Deus, tentem chegar a horas para variar.» E depois desapareceu. Ninguém achou estranho quando não apareceu para jantar nessa noite. E ninguém ficou alarmado quando descobriram, ao acordar, que a cama dela estava vazia. Tinha sido esse género de verão, e Madeline era esse género de rapariga.

CÓRSEGA-LONDRES

A polícia nacional francesa declarou Madeline Hart oficialmente desaparecida às duas da tarde da última sexta-feira de agosto. Passados três dias de buscas, o único vestígio que encontraram dela tinha sido a lambreta vermelha, que fora descoberta, com o farol partido, numa ravina isolada perto de Monte Cinto. No final da semana, a polícia já perdera praticamente a esperança de a encontrar viva. Publicamente, insistiram que o caso continuava a consistir, antes de mais nada, numa busca a uma turista desaparecida. No entanto, em privado, já se encontravam à procura do assassino.

Não havia potenciais suspeitos nem pessoas que despertassem a atenção, além do homem com quem ela tinha almoçado no Les Palmiers, na tarde anterior ao desaparecimento. Mas, tal como Madeline, ele parecia ter desaparecido da face da terra. Seria um amante secreto, como Fiona e os outros suspeitavam, ou ter-se-iam conhecido recentemente na Córsega? Seria britânico? Seria francês? Ou, como dissera um polícia frustrado, seria um extraterrestre de outra galáxia que tinha sido transformado em partículas e teletransportado para a nave-mãe? A empregada do Les Palmiers pouco ajudou. Lembrava-se de que ele tinha falado em inglês com a rapariga do chapéu de abas largas, mas tinha feito o pedido num francês perfeito. Pagara a conta em dinheiro — notas novas em folha que colocou em cima da mesa, uma de cada vez, como um jogador profissional — e dera uma boa gorjeta, coisa rara hoje em dia na Europa, com a questão da crise económica

e tudo isso. Do que se lembrava mais acerca dele era das mãos. Pouquíssimos pelos, nenhuma mancha do sol nem cicatrizes, unhas limpas. Era evidente que cuidava bem das unhas. Ela gostava disso num homem.

A fotografia dele, que foi mostrada discretamente pelos melhores bares e restaurantes da ilha, suscitou pouco mais do que um encolher de ombros indiferente. Parecia que ninguém lhe tinha posto os olhos em cima. E, se tinham, não conseguiam lembrar-se da cara dele. Era igual a todos os outros exibicionistas que davam à costa da Córsega no verão: um bom bronze, óculos de sol caros, um pedaço de ouro de ego fabricado na Suíça ao pulso. Era um anónimo com cartão de crédito e uma rapariga sentada à frente dele na mesa. Era o homem esquecido.

Talvez para os lojistas e donos de restaurantes da Córsega, mas não para a polícia francesa. Introduziram a imagem dele em todas as bases de dados de criminosos que possuíam no seu arsenal e por mais algumas ainda. E, quando nenhuma das buscas produziu sequer o vislumbre de uma correspondência, discutiram se deviam divulgar uma fotografia à imprensa. Houve quem, particularmente ao nível dos quadros superiores, se mostrasse contra tal opção. Afinal de contas, argumentaram, era possível que o pobre tipo fosse apenas culpado de infidelidade conjugal, dificilmente um crime em França. Contudo, passadas mais setenta e duas horas sem progressos dignos de registo, chegaram à conclusão de que não tinham outra escolha a não ser pedir ajuda às pessoas comuns. Foram divulgadas através da imprensa duas fotografias cuidadosamente cortadas — uma do homem sentado no Les Palmiers e outra dele a caminhar pelo cais — e, ao anoitecer, os investigadores já se encontravam inundados de centenas de informações. Filtraram rapidamente os aldrabões e os chanfrados e concentraram os recursos apenas nas pistas que eram remotamente plausíveis. Mas nenhuma deu frutos. Uma semana após o desaparecimento de Madeline Hart, o único suspeito que tinham continuava a ser um homem sem nome ou sequer país.

Embora a polícia não possuísse pistas prometedoras, não lhe faltavam teorias. Um grupo de agentes achava que o homem do Les

Palmiers era um predador psicótico que tinha atraído Madeline para uma armadilha. Outro grupo não lhe dava grande importância, considerando que era simplesmente alguém que tinha estado no sítio errado na hora errada. Segundo esta teoria, era casado e, por isso, não estava em posição de dar a cara e colaborar com a polícia. Quanto ao destino de Madeline, defendiam que provavelmente se devia a um assalto que correria mal — uma rapariga a andar sozinha de mota teria sido um alvo tentador. Mais cedo ou mais tarde, o corpo acabaria por aparecer. O mar cuspi-lo-ia, alguém daria com ele numa caminhada pelas colinas, um agricultor desenterrá-lo-ia enquanto lavrasse a terra. Era assim que as coisas aconteciam na ilha. A Córsega libertava sempre os seus mortos.

No Reino Unido, os falhanços da polícia foram uma oportunidade para censurar os franceses. Mas, no essencial, até os jornais favoráveis à oposição trataram o desaparecimento de Madeline como se fosse uma tragédia nacional. A sua notável ascensão de uma habitação social em Essex foi relatada ao pormenor e várias luminárias do Partido emitiram comunicados que falavam de uma carreira promissora interrompida. A mãe chorosa e o irmão indolente deram uma única entrevista televisiva e a seguir desapareceram dos olhos do público. E o mesmo se verificou com os companheiros de férias na Córsega. Ao regressarem ao Reino Unido, surgiram numa conferência de imprensa conjunta no Aeroporto de Heathrow, vigiados por uma equipa de adidos de imprensa do Partido. Depois disso, recusaram todos os outros pedidos de entrevista, incluindo os que vinham acompanhados de pagamentos lucrativos. Ausente da cobertura mediática esteve qualquer vestígio de escândalo. Não houve artigos sobre consumo excessivo de álcool nas férias, tropelias sexuais ou distúrbios públicos, apenas as parvoíces habituais acerca dos perigos a que as jovens que viajavam por países estrangeiros se encontravam expostas. Na sede do Partido, a equipa de imprensa congratulou-se discretamente pela maneira engenhosa como tinha lidado com o assunto, ao passo que o *staff* político deu conta de uma subida acentuada da percentagem de apoiantes do primeiro-ministro. Secretamente, chamavam-lhe «o efeito Madeline».

De forma gradual, os artigos sobre o que lhe tinha acontecido foram passando das primeiras páginas para as secções interiores e, no final de setembro, Madeline já desaparecera por completo dos jornais. Era outono e, por isso, estava na altura de regressar às questões da governação. Os desafios que o Reino Unido enfrentava eram gigantescos: uma economia em recessão, uma zona euro ligada à máquina, um rol interminável de males sociais por resolver que estavam a destruir o tecido da vida no Reino Unido. Pairando sobre tudo isso, estava a perspectiva de eleições. O primeiro-ministro dera inúmeros indícios de que pretendia convocá-las antes do final do ano. E tinha plena consciência dos riscos políticos de agora voltar atrás; Jonathan Lancaster era o atual chefe do governo britânico porque o seu antecessor não tinha convocado eleições depois de vários meses de namoro público. Lancaster, na altura líder da oposição, chamara-lhe «o Hamlet do número 10», e o golpe mortal tinha sido desferido.

O que explicava por que razão Simon Hewitt, o diretor de comunicação do primeiro-ministro, andava a dormir mal ultimamente. O padrão da insónia nunca variava. Exausto devido à esmagadora rotina diária do trabalho, adormecia rapidamente, por norma com um dossiê apoiado ao peito, mas a seguir acordava logo passadas duas ou três horas. Depois de despertar, a sua mente disparava de imediato. Após quatro anos no governo, só parecia capaz de se concentrar nas coisas negativas. Era essa a sorte de um adido de imprensa de Downing Street. No mundo de Simon Hewitt, não havia triunfos, apenas desastres e quase desastres. Como os terremotos, variavam de gravidade entre pequeníssimos tremores que praticamente não eram sentidos e convulsões sísmicas capazes de derrubar edifícios e destruir vidas. Esperava-se que Hewitt previsse as calamidades que se avizinhavam e, se possível, limitasse os estragos. Nos últimos tempos, ele chegara à conclusão de que o seu trabalho era impossível. Nos momentos mais negros, isso trazia-lhe uma pequena dose de conforto.

O outrora, fora um homem que impunha respeito por direito próprio. Na qualidade de colunista político principal do *Times*, Hewitt revelara-se uma das pessoas mais influentes em Whitehall. Com apenas

algumas palavras da sua característica prosa cortante, era capaz de condenar uma política governamental, bem como a carreira política do ministro que a tinha concebido. O poder de Hewitt era tão imenso, que nenhum governo pensaria sequer em apresentar uma iniciativa importante sem lha comunicar primeiro. E nenhum político que sonhasse com um futuro mais risonho se lembraria sequer de concorrer a um cargo de liderança partidária sem assegurar primeiro o apoio de Hewitt. Um desses políticos tinha sido Jonathan Lancaster, um antigo advogado da City com um lugar garantido no Parlamento conquistado nos subúrbios londrinos. De início, Hewitt não tinha Lancaster em grande conta; era demasiado polido, demasiado bonito e com demasiados privilégios para ser levado a sério. Mas, com o tempo, Hewitt veio a considerar Lancaster um homem talentoso e com ideias, que queria refazer um partido político moribundo e, a seguir, refazer um país. E, com ainda maior surpresa, Hewitt descobriu que até *gostava* de Lancaster, o que nunca é um bom sinal. Então, à medida que a relação entre ambos evoluía, começaram a passar menos tempo a trocar mexericos sobre as maquinações políticas em Whitehall e mais a discutir a maneira de consertar a desfeita sociedade britânica. Na noite das eleições, quando Lancaster teve uma vitória retumbante, com a maioria parlamentar mais vasta da última geração, Hewitt foi uma das primeiras pessoas a quem telefonou. «Simon», dissera-lhe com aquela voz sedutora. «Preciso de ti, Simon. Não consigo fazer isto sozinho.» A seguir, Hewitt viria a escrever em tons elogiosos sobre as perspectivas de êxito de Lancaster, sabendo perfeitamente que passados poucos dias estaria a trabalhar para ele em Downing Street.

Hewitt abriu os olhos lentamente e ficou a olhar com desdém para o relógio na mesinha de cabeceira. Piscava os números 3.42, como se estivesse a fazer troça dele. Ao lado, estavam os três telemóveis, todos completamente carregados para a investida mediática do dia seguinte. Hewitt desejou poder recarregar tão facilmente as suas baterias, mas, no ponto em que se encontrava, já não havia sono nem luz do sol tropical que pudessem reparar os danos que ele infligira ao seu corpo de meia-idade. Olhou para Emma. Como de costume, dormia profundamente. Em tempos, poderia ter pensado em alguma maneira lasciva de a acordar, mas agora não; o leito conjugal

transformara-se numa lareira congelada. Por um curto período de tempo, Emma tinha sido seduzida pelo *glamour* do emprego de Hewitt em Downing Street, mas acabara por levar a mal a sua devoção servil a Lancaster. Via o primeiro-ministro quase como um rival sexual e o ódio que nutria por ele tinha atingido um fervor irracional. «Vales duas vezes mais do que ele, Simon», comunicara-lhe a noite passada antes de o presentear com um beijo sem amor na bochecha descaída. «E mesmo assim, por uma razão qualquer, sentes necessidade de fazer de criado dele. Talvez um dia me possas explicar porquê.»

Hewitt sabia que não ia voltar a adormecer, agora já não, e por isso deixou-se ficar deitado na cama a ouvir a sequência de sons que assinalava o começo do dia. O baque surdo dos jornais matutinos a aterram-lhe à porta de casa. O gorgolejar da máquina de café automática. O leve roncar de uma viatura oficial na rua, por baixo da janela. Levantando-se com cuidado para não acordar Emma, vestiu o roupão e desceu as escadas silenciosamente até à cozinha. A máquina de café estava a assobiar furiosamente. Hewitt preparou uma chávena de café puro, para bem da sua cintura cada vez mais larga, e levou-a para o *hall*. Quando abriu a porta, foi recebido por uma rajada de vento húmido. A pilha de jornais estava protegida por plástico e em cima do tapete de entrada, junto a um vaso de barro com gerânios mortos. Ao baixar-se, viu mais outra coisa: um envelope de manilha, 20 centímetros por 25 centímetros, sem nada escrito, bem fechado. Hewitt percebeu de imediato que não provinha de Downing Street; ninguém do seu *staff* se atreveria a deixar-lhe sequer o documento mais trivial à porta de casa. Portanto, tinha de ser uma coisa que não fora pedida. Não era invulgar; os antigos colegas da imprensa sabiam a morada dele em Hampstead e estavam sempre a deixar-lhe embrulhos. Pequenos presentes em troca de uma fuga de informação no momento certo. Diatribes furiosas por causa de supostas desconsiderações. Um rumor picante que era demasiado delicado para transmitir por *e-mail*. Hewitt fazia questão de se manter a par dos últimos mexericos em Whitehall. Tendo sido jornalista, sabia que aquilo que era dito nas costas de um homem era muitas vezes bem mais importante do que aquilo que escreviam dele nas primeiras páginas.

Tocou no envelope com o dedo do pé para ter a certeza de que não tinha fios elétricos nem baterias e, a seguir, pousou-o em cima dos jornais e voltou para a cozinha. Depois de ligar a televisão e de baixar o som até ser apenas um sussurro, tirou os jornais da proteção de plástico e examinou as primeiras páginas rapidamente. Estavam dominadas pela proposta de Lancaster no sentido de tornar a indústria britânica mais competitiva baixando as taxas fiscais. Previsivelmente, o *Guardian* e o *Independent* mostraram-se horrorizados, mas graças aos esforços de Hewitt a cobertura foi, na sua maioria, positiva. As outras notícias de Whitehall eram misericordiosamente benignas. Nenhum terramoto. Nem sequer um tremor.

Após passar em revista os chamados jornais de qualidade, Hewitt leu rapidamente os tabloides, que considerava um melhor barómetro da opinião pública britânica do que qualquer sondagem. A seguir, depois de voltar a encher a chávena de café, abriu o envelope anónimo. Lá dentro, estavam três objetos: um DVD, uma folha de papel A4 e uma fotografia.

— Merda — disse Hewitt em voz baixa. — Merda, merda, merda.

Mais tarde, o que se passou daria azo a muita especulação e, para Simon Hewitt, um ex-jornalista político que com certeza já devia saber como as coisas funcionavam, uma grande dose de recriminação. Isto, porque em vez de contactar a Polícia Metropolitana de Londres, conforme a lei britânica exigia, Hewitt levou o envelope e o que lá se encontrava dentro para o gabinete que ocupava no número 12 de Downing Street, apenas duas portas ao lado da residência oficial do primeiro-ministro, no número 10. Depois de presidir à reunião habitual das oito da manhã com o *staff*, onde não houve referência aos objetos, mostrou-os a Jeremy Fallon, chefe de gabinete e conselheiro político de Lancaster. Fallon era o chefe de gabinete mais poderoso da história do Reino Unido. As suas responsabilidades oficiais incluíam o planeamento estratégico e a coordenação de políticas entre os vários departamentos governamentais, o que lhe dava o poder de meter o nariz em qualquer assunto que quisesse. Na imprensa, era muitas

vezes referido como «o cérebro de Lancaster», coisa de que Fallon gostava bastante, mas que em privado melindrava Lancaster.

A reação de Fallon só foi diferente na escolha do palavra. Teve como instinto inicial levar de imediato o material a Lancaster, mas como era quarta-feira esperou até ele ter sobrevivido ao combate gladiatório até à morte e semanal conhecido como Perguntas ao Primeiro-Ministro. Em momento algum da reunião, Lancaster, Hewitt ou Jeremy Fallon sugeriram entregar o material às autoridades competentes. O que era necessário, concordaram todos, era uma pessoa discreta e talentosa em quem, acima de tudo, pudessem confiar para proteger os interesses do primeiro-ministro. Fallon e Hewitt pediram a Lancaster os nomes dos potenciais candidatos e só receberam um. Havia uma ligação familiar e, mais importante, uma dívida por pagar. A lealdade pessoal contava bastante em alturas destas, afirmou o primeiro-ministro, mas uma posição de vantagem era bem mais prática.

E daí a convocação discreta a Downing Street de Graham Seymour, o veterano diretor-adjunto dos Serviços de Segurança Britânicos, também conhecidos como MI5. Muito mais tarde, Seymour descreveria o encontro — realizado no Escritório, por baixo de um retrato carrancudo da baronesa Thatcher — como o mais difícil da carreira. Aceitou ajudar o primeiro-ministro sem hesitar, porque era isso que um homem como Graham Seymour fazia em circunstâncias daquelas. Ainda assim, deixou bem claro que, se o seu envolvimento no assunto viesse alguma vez a público, destruiria os responsáveis.

O que deixava apenas por decidir a identidade do agente que iria efetuar a busca. Tal como acontecera com Lancaster, Graham Seymour tinha apenas um candidato. Não revelou o nome ao primeiro-ministro. Recorrendo aos fundos de uma das muitas contas secretas para operações do MI5, optou por comprar um bilhete para o voo do final da tarde da British Airways para Telavive. Quando o avião começou a afastar-se lentamente da porta de embarque, Seymour ponderou qual seria a melhor forma de abordagem. A lealdade pessoal contava bastante em alturas destas, pensou, mas uma posição de vantagem era bem mais prática.